

INDICADO A MELHOR LIVRO DO ANO PELO LIBRARY JOURNAL

ROBIN YORK

"Esta série vai deixar
você sem fôlego!"
Katy Evans, autora da série Real

intenso

Caroline e West | LIVRO 2





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Mary Ann, com amor e gratidão.

F I M

Esta será a última vez, foi o que pensei quando me despedi dela no aeroporto. A última vez que a beijo. A última vez que a toco. A última vez que vejo seu rosto.

E então me virei e fui embora. *É o fim. Acabou.*

Lembro-me vagamente de ter passado pelo portão de embarque e entrado no avião. Alguém sentou ao meu lado, mas não recordo se foi homem ou mulher. Nada poderia ser mais difícil do que me afastar de Caroline.

Isso quase me faz rir agora, se é que podemos chamar de riso o som que sai da garganta quando precisamos engolir em seco, incapazes de nos livrarmos do sabor amargo dos nossos erros.

Voltei para Silt com o humor de quem se prepara para um duelo no Velho Oeste. Estava prestes a confrontar meu pai. Ao meio-dia, sacaríamos nossas pistolas. Eu atiraria, o abateria e então... bem, essa era a parte em que evitava pensar. A tela ficaria escura. Fim. Nada.

Nada. Era onde eu viveria depois de tirá-lo da minha vida de uma vez por todas. Dentro da escuridão, eu montaria uma barraca, puxaria um cobertor por cima de mim e aguentaria o tranco.

Eu era o xerife, certo? E ele era o bandido. Mas depois que eu o derubasse, qual seria a minha recompensa? Uma eternidade vazia. De que vale então uma estrela dourada presa na minha camisa?

Tinha certeza de que eu era o xerife da história, mas o que aconteceu quando cheguei foi bem diferente do que eu esperava.

Fiz o impossível. Me afastei de Caroline.

Só que tudo ficou mais difícil depois disso.

Caroline

O toque de celular de West ressoou no quarto escuro, entrando no meu subconsciente. Estou tendo um daqueles sonhos deliciosos: a pele quente dele contra o meu corpo, o peso e o cheiro dele, sua mão deslizando pela minha barriga. Tudo isso lento, quente e West... até a canção finalmente penetrar através da névoa do meu sonho e me despertar.

Acordo excitada e furiosa, porque sei o que vem a seguir. A sensação ruim no estômago, o dia inteiro tentando não me lembrar daquela enxurrada de memória sensorial. Preciso enfrentar isso e esquecer West de vez. No entanto, meu desejo é voltar urgentemente para aquele sonho.

Estou tão distraída que pego o celular e deslizo o dedo pela tela antes de registrar o que aconteceu. *Era* o toque de West. West me ligou à uma da madrugada, depois de sumir por dois meses e meio.

Se ele me ligou bêbado, vou pegar um avião para o Oregon e dar um chute no saco dele, penso. Mas não é assim que me sinto. Queria que fosse. Queria poder ouvir West dizer “Alô?” sem me sentir... assanhada.

Retorno a ligação.

– Alô?

Levanto no quarto escuro, ciente de que cada centímetro da minha pele reage à respiração do outro lado da linha. Tenho muitas lembranças que comecem assim. Muitas conversas em que disse a mim mesma que não faria besteira, mas acabei fazendo. Tenho essa carga imensa de saudade e dor, tão insuportável que posso escutá-la na minha voz quando disparo:

– O que você quer?

– Meu pai morreu.

Minha cabeça clareia em um instante.

– O quê?

– Ele levou um tiro – explica West. – Tudo está uma bagunça. Caro, sei que não posso pedir isso, mas simplesmente preciso...

Um barulho o interrompe. Fico ali parada, esperando ele completar a frase. Estou apertando o celular contra a orelha, com a respiração acelerada, com o tipo de clareza que só encontrei em momentos de crise. Mas por que eu deveria me importar com o que ele vai dizer a seguir?

Porque às vezes a razão não está no comando. Ele me deixou. Ele me magoou. Sei disso. Mas ainda estou ali, segurando o telefone, e sei que entrarei em um avião em poucas horas.

SILT

Caroline

Retiro a minha mala da esteira de bagagem, saio do aeroporto e vejo West apoiado em uma caminhonete suja. A primeira coisa que penso é: *Ele cortou o cabelo.*

A segunda coisa que penso é: *Talvez tenha feito isso por ela.*

Se é que há alguém. Nunca acreditei naquela história. Se ela existe mesmo, não está ali. *Eu estou.*

West está assustador. Com a barba por fazer, uma sombra parece emoldurar sua fisionomia: maçãs do rosto, globos oculares, testa saliente, queixo bem desenhado, boca tensa. Os músculos em seus braços cruzados estão mais definidos.

O West que me deixou em Des Moines há quatro meses era um rapaz, às vezes um menino, mas aquela pessoa me esperando é um homem grande, duro e com jeito de mau. Quando olha na minha direção, eu congelo.

Estou usando um cardigã branco sobre uma blusa verde nova que custou caro demais. Jeans de grife. Sapatilhas nada práticas. Roupas ridículas para agosto, porque sempre faz frio nessa época. Eu queria ficar bonita, mas me atralhei. Tenho o dom de fazer coisas erradas. Ainda assim, acho que nada que eu possa fazer pode ser comparado com o que está acontecendo na vida de West.

Ele se endireita e dá um passo à frente.

– Oi – digo, quando nos encontramos a poucos metros da caminhonete preta dele. Tento sorrir. – Você veio.

Ele não sorri em resposta.

– Você também.

– Desculpe pelo trabalho.

Eu havia mandado uma mensagem para ele pouco antes de embarcar. Como não queria dar chance de ele dizer não, apenas informei o número do voo e quando chegaria.

Quando o avião aterrissou em Minneapolis, havia três mensagens de texto e uma mensagem de voz dele, todas variações do mesmo tema: “Dê meia-volta e vá para casa.” Esperei até estar embarcando para Portland para mandar outra mensagem: Vou alugar um carro.

Saindo da ponte de embarque, recebi a resposta dele: Vou pegar você.

Como era o que eu estava esperando, respondi: Tudo bem.

Mas nada parece bem. Nem perto disso. West está de bermuda cargo e camisa polo vermelha com o logotipo de uma empresa de paisagismo. Está bronzeado. Não reconheço seu perfume, um cheiro fresco e resinoso, como a parte interna de um armário de cedro depois de ser lixado.

– Você veio do trabalho? – pergunto.

– Sim. Precisei sair mais cedo.

– Desculpe. Você devia ter me deixado alugar um carro.

West estende a mão. Por um instante, acho que vai me puxar para si, mas ele apenas pega a alça da minha mala. *Recomponha-se, Caroline. Você não pode pirar toda vez que ele se aproxima.*

Ele abre a porta do lado do carona para colocar minha bagagem atrás do banco. A caminhonete é imensa, com a lateral dianteira violentamente amassada. Tomara que ele não estivesse dirigindo quando aquilo aconteceu.

Quando West volta, estou avaliando a musculatura de suas costas, lembrando a sensação de ter os ombros dele sob as minhas mãos na última vez que o vi. Ele é West e não é West.

Ele dá um passo para o lado para me deixar entrar. O interior do veículo tem cheiro de tabaco e, embora eu esteja com muito calor, opto por continuar de casaco. Eu me sentiria estranha em relação a me despir, de qualquer forma.

Viro para fechar a porta e nossos olhos se cruzam. É quando me dou conta. Ele não está diferente por causa do cabelo, do bronzeado ou dos músculos. São os olhos. A expressão dele está civilizada, mas seus olhos estão mais selvagens, como se quisesse rasgar o mundo e arrancar suas entranhas.

– Quer comer alguma coisa? – pergunta ele.

Não acho que o tom de ódio e cinismo de sua voz seja direcionado a mim. Tenho quase certeza de que é direcionado a tudo. Mas isso me causa um arrepio de apreensão, porque nunca ouvi West desse jeito antes.

– Não, estou bem. Jantei em Portland.

– São quase três horas até Silt.

– Estou bem – repito.

Ele está me encarando. Contraio os lábios para não me desculpar.

Sinto muito por ter vindo quando você me ligou. Sinto muito por ter precisado de uma carona do aeroporto. Sinto muito por estar aqui, sinto muito por você não me amar mais, sinto muito que aquele cretino violento do seu pai esteja morto.

Meu pai não queria que eu viesse. Precisei pedir demissão do meu emprego temporário como recepcionista de um consultório dentário algumas semanas antes do combinado e usar quase tudo o que recebi no verão inteiro para pagar a passagem de avião – uma atitude que meu pai chamou de “estúpida”.

Ele não confia em West e, pior, não confia em mim quando se trata dele. Sempre discutimos quando o assunto vem à tona. Brigamos feito cão e gato no café da manhã, até meu pai perceber que não conseguiria me convencer a não fazer isso.

Para piorar a situação, estamos preparando minha ação civil contra Nate, meu ex-namorado, por invadir minha privacidade e me causar danos morais. Meu pai me quer por perto para que possamos ler juntos, mais quatro mil vezes, a queixa que ele preparou. Ele é juiz de profissão, pai solteiro de três filhas, um controlador detalhista e irritadiço por natureza. O que o torna, nesta situação, meio que insuportável.

Lembro a ele que foi justamente para se dedicar aos documentos que pagamos um zilhão de dólares antecipados ao nosso advogado, mas papai alega que se trata de uma experiência de aprendizado para mim. Se eu quero ser advogada, preciso prestar atenção.

Eu *presto* atenção. Tento, pelo menos. Ficou muito mais difícil depois que West contou que estava saindo com outra pessoa. E, quando ele me ligou ontem à noite, todos os outros pensamentos desapareceram da minha mente.

O julgamento está se aproximando e é importante. Manter os meus compromissos também. Mas West é *mais*.

Não vou abandoná-lo.

– Você não precisa exagerar. Estou aqui para ajudar.

Sem dizer uma palavra, ele bate a porta, senta-se ao volante e começa a dirigir. Eu pensava que Eugene fosse uma cidade, mas me enganei. Depois que deixamos o aeroporto, entramos imediatamente no meio do nada. É tudo tão verde!

West vira à direita, seguindo na direção das montanhas. São quase sete horas da noite. Chegaremos a Silt antes das dez, se tudo der certo. Não sei onde vou dormir esta noite.

Três horas dentro daquela caminhonete com West no escuro.

Por fim, decido que é melhor tirar o casaco. West liga o ar-condicionado e estende o braço para redirecionar a ventilação. Minha pele grudada de suor esfria, fico arrepiada e meus mamilos enrijecem instantaneamente.

Ele direciona o vento para baixo.

– Você está fazendo paisagismo?

– Estou.

– Você gosta?

Por um segundo, West me recorda o gato da minha irmã Janelle. Ela costumava dar um jato d'água com uma pistola de brinquedo na cara dele para evitar que pule em seu armário. O bichinho faz exatamente essa expressão de desdém incrédulo.

– Sinto muito – digo.

Então tento contar quantas vezes me desculpei desde que saí do aeroporto.

Veze de mais. Estou permitindo que ele me atinja apesar de ter prometido a mim mesma que não deixaria nada me afetar. É uma situação complicada. Alguém morreu e West estava arrasado o bastante para me ligar: minha função é ser imperturbável. Não vou ficar brava com ele ou bancar a magoada. Não vou me lamentar ou me atirar sobre ele. Vou simplesmente apoiá-lo.

Farei isso porque foi o que prometi quando ele deixou Iowa. Eu o fiz jurar que me ligaria e disse que poderia contar comigo para ser sua amiga.

Ele ligou. Eu vim.

Depois de marinar no silêncio com cheiro de tabaco por um tempo, eu me pego observando West, em busca de semelhanças em vez de diferenças. As orelhas dele ainda são pequenas demais. A cicatriz não desapareceu de uma sobrelancelha, e a outra levanta do mesmo jeito de sempre. A boca dele está igual.

A boca sempre foi o máximo para mim.

O cheiro que vem dele parece um dia quente no meio do mato, mas não é exatamente isso. No espaço entre nós há um par de luvas de trabalho que ele deve ter atirado ali. Quero pegá-las, vesti-las, remexer os dedos dentro delas. Em vez disso, olho para a coxa dele. A bermuda desbotada, salpicada de pedacinhos minúsculos de casca de árvore. O joelho dele.

Percorro um caminho imaginário da curva do ombro dele até a borda da manga da camisa. Ele não tem marca de bronzeado. Deve trabalhar sem camisa. Pensar nisso é demais para mim.

Na última vez que o vi, estávamos nos beijando no aeroporto, abraçados, nos despedindo. É cruel eu estar aqui sentada, absorvendo-o, depois de tudo o que ele disse.

Eu não o superei. Tentei racionalizar, mas razão não tem nada a ver com amor. West sempre me deixou mais vulnerável do que eu queria ser.

Eu gostava da pessoa que era quando estava com ele. Ele também me ajudava a ser mais forte.

– O que aconteceu nas últimas horas? – perguntei.

Um músculo se mexe em seu maxilar.

– Não sei. Estava trabalhando.

– Certo... E antes disso?

– Meu pai morreu.

– West, onde está a Frankie?

A última coisa de que soube era que a irmã e a mãe dele estavam morando com o pai no parque de trailers em que West cresceu. West havia abandonado a faculdade e voltado para o Oregon para protegê-las, mas há um limite do que se pode fazer para salvar alguém que não quer ser salvo.

A mãe não admitia a possibilidade de deixar o marido e West se negava a chegar perto do trailer enquanto o pai morasse lá. No fim das contas, ele não via Frankie com a frequência que gostaria e ficava incomodado por não poder se aproximar o suficiente para protegê-la.

– Ela está na casa da minha avó – respondeu ele. – Preciso ir buscá-la.

– Ela está bem?

– Não sei dizer.

– Ela não estava lá, estava? Quando...?

– Minha mãe disse que ela estava dormindo na casa de uma amiga.

Os nós dos dedos dele estão brancos ao volante.

– Você não acredita nela?

– Não tenho certeza.

Então ficamos em silêncio. Ele está com um corte na mão direita, no espaço entre o polegar e o indicador. A pele está meio ressecada, avermelhada e inchada ao redor, com pedaços escamados. Vejo dois pontos em que está rachada.

Uma queimadura. Ou uma esfolada feia.

Em Putnam, eu saberia onde ele havia feito um machucado como aquele. Teria pegado no pé dele até botar um curativo. Faria uma cara de nojo e o mandaria cobrir o corte. Mas provavelmente não teria vontade de tocá-lo, como tenho agora – vontade de estender a mão e acariciar aquela pele rosada nova com a ponta dos meus dedos.

Como ele reagiria se eu fizesse isso? Ficaria surpreso e se afastaria? Pararia no acostamento e conversaria comigo? Será que ele também quer tocar em mim?

– Que cheiro é esse?

Ele leva a camisa até o nariz. Olho para a fivela do cinto dele e o meu rosto fica quente. Praticamente tudo abaixo da minha cintura responde àquela visão.

Quando reparo, os olhos dele estão sobre mim, o que só piora a situação, porque, por alguns segundos, no período entre as batidas do meu coração acelerado, West não parece irritado. É o mesmo que costumava ser quando eu estava em sua cama, subindo pelo meu corpo depois de tirar minha calcinha, me possuindo, me prendendo pelos pulsos, me preenchendo, acabando comigo.

Solto o ar com força, trêmula.

Franzindo a testa, West concentra toda a sua atenção na estrada, como se ela pudesse se transformar em um campo de obstáculos perigosos a qualquer momento.

O silêncio carregado fica mais longo. Ele expira lentamente.

– Zimbro.

Levo uma eternidade para compreender.

– O cheiro é de zimbro.

Ele tamborila no volante, começa a mexer o joelho esquerdo, balançando para cima e para baixo, e acrescenta:

– A maioria é baixa como um arbusto. É bem comum aqui no Oregon.

O paisagista com quem trabalho usa a madeira para fazer deques e cercas, mas já vi em armários e outros objetos. Também se faz...

Ele para de repente. Quando olha para mim, percebo uma espécie de desamparo na expressão dele, como se estivesse arrasado por ser tão difícil evitar falar sobre zimbro.

Ele engole em seco.

– Eu estava cortando madeira. Por isso estou fedendo.

Espero. O joelho dele ainda está balançando. *Vamos lá, penso. Fale comigo.*

– Também se faz gim com as bagas de zimbro – diz ele, por fim.

– Tipo o gim de ameixa-brava?

– Não. O gim de ameixa-brava é feito com os frutos do abrunheiro e açúcar. A gente derrama o gim sobre os outros ingredientes e deixa lá por um tempão.

Pela primeira vez desde que aterrissei, tenho vontade de sorrir. Seja lá o que houver de errado com ele, por mais diferente e arrasado que esteja, o cara ao meu lado é West. O meu West. Quando se trata de curiosidades, ele não consegue se conter.

West é louco por informações inúteis. Será que a menina que pegou o meu lugar o escuta quando ele faz isso? Isso faz com que ela goste mais dele? *Isso se houver mesmo uma garota.*

Aquele mesmo pensamento invasivo que tive uma centena de vezes. Mil vezes.

Quem quer que ela seja, não foi para ela que ele ligou.

– Gosto do cheiro – digo a ele.

– Quando estou aqui, não sinto. Mas é a primeira coisa que percebo ao descer do avião quando voou de Putnam para Portland. – Desta vez, quando olha para mim, os olhos dele não entregam nada. – Era, quero dizer. Quando eu fazia isso.

– Aposto que vou sentir cheiro de esterco quando voltar para Iowa.

O silêncio fica mais confortável desta vez, pelo menos para mim. West continua tenso, tamborilando no volante.

– Esta caminhonete é sua?

– É do Bo. Ele me deixa usá-la.

Bo é o ex da mãe de West. Frankie e ela moraram com ele até ela o deixar pelo pai de West. Bo estava no trailer quando o pai de West foi morto.

Assunto difícil.

– Ele ainda está na cadeia?

– Não. Foi interrogado e liberado.

– Ele... Ele realmente matou o seu pai?

– Ele não diz. Ele estava lá e houve tiros. Havia duas armas. Não sei qual dos dois atirou, se foram os dois ou o quê. Até onde sei, pode ter sido até suicídio.

A raiva está de volta na voz dele, afetando-o de um modo que quase parece deixá-lo desconfortável.

– Mas não é provável, se levaram Bo para ser interrogado.

– E o que você sabe sobre o que é provável ou não?

– Nada. Desculpe.

Então aí estão as regras. Zimbros são um tema de conversa aceitável. A morte do pai dele é forçar a barra. Especulações sobre o que vai acontecer a seguir? Além dos limites.

West se inclina para a frente e liga o rádio. A música toca alto, um rock pesado. Desligo.

– Quando vai ser o funeral?

– Quando o legista liberar o corpo.

– Ah.

– Eu não vou.

– Tudo bem.

Mais silêncio. Florestas escuras nos dois lados da estrada. Estamos subindo agora, seguindo para o topo dos morros.

– Quanto tempo você vai ficar?

– Pelo tempo que você precisar.

Ele olha para mim por tanto tempo que começo a ficar com medo de que possamos sair da estrada.

– O que foi?

– Quando começam as aulas?

– No dia 28.

– Duas semanas.

– Duas semanas e meia.

– Você não vai ficar aqui por duas semanas e meia.

– Só se você precisar.

West olha pela janela do lado do motorista.

– Você não devia ter vindo.

Eu já havia pensado a mesma coisa, mas dói ouvi-lo dizer.

– É bom ver você também, querido.

– Eu não a convidei.

– Que gentil da sua parte notar, eu *realmente* emagreci um pouco.

Ele me avalia com o olhar.

– Você está esquelética.

Magoada, paro com a brincadeira.

– Vou tratar de engordar uns quilos para sua apreciação visual.

– Se quiser dizer “Vá se foder, West”, pode dizer.

– Vá se foder, West.

O maxilar dele fica tenso. Quando ele estende o braço até o rádio, eu dou um tapa na mão dele.

– Não sei o que devo fazer com você – diz West.

– Você deve me deixar ajudar.

– Eu não quero você perto dessa merda toda.

– Que gentil, mas azar o seu.

Isso me rende um olhar criminoso.

– Você não pertence a Silt.

– Acho que estou prestes a descobrir isso.

Ele leva a mão até o rádio de novo. Desta vez, deixo que ligue o som. Penso que estamos seguindo na direção do oceano Pacífico. Penso em West e em por que estou ali.

Não tenho respostas, mas não estou me enganando. Dentro de um *nécessaire* no fundo da minha mala há uma pulseira de couro com o nome dele escrito. Eu não devia estar aqui, mas estou. E só vou embora quando tiver certeza de que nunca mais voltarei a usar aquela pulseira.

A estrada é muito estreita e tem um precipício no lado do motorista. A mureta de segurança não seria muito eficaz se ele virasse o volante com força e nos mandasse para fora do asfalto. Não que ele fosse fazer isso.

Acho que não.

Subimos por entre fileiras de árvores, percorrendo curvas amplas ao som de água correndo. As árvores tapam o sol. Não consigo parar de pensar no verde. Agosto também é verde em Iowa, mas lá a cor abraça a terra em

fileiras compridas e gramados baixos. Aqui, é tudo árvore. Mais árvores do que já vi em um único lugar, enchendo a estrada e atraindo meu olhar para o céu.

Depois de um tempo, descemos, percorrendo curvas lentas e tranquilas morro abaixo. É como esquiar. A estrada é tão estreita, a floresta tão densa. Parece nativa, inacabada.

O silêncio aumenta e fica banal. O trajeto é interminável. West passa a mão por cima dos meus joelhos para abrir o porta-luvas. Com cuidado para não tocar em mim, pega um maço de cigarros.

– Você está fumando agora?

– Pode pegar o isqueiro para mim, por favor?

Vejo o isqueiro cor-de-rosa de plástico barato, mas está muito no fundo para ele alcançar. Deixo-o onde está.

– Fumar é nojento.

Chegamos a uma reta. Ele se inclina por cima de mim até onde precisa para pegar o isqueiro, o que é o bastante para ele pressionar o ombro no meu joelho. O isqueiro brilha quando ele se endireita, com o cheiro cáustico e depois açucarado do tabaco queimando. Os efeitos do nosso breve instante de contato atravessam meu corpo, causando um arrepio em minha pele.

West sopra a fumaça pela janela para que se dissipe na escuridão.

Eu me sinto como aquela fumaça, me dissolvendo um pouco mais a cada quilômetro percorrido, a cada toque da mão dele. A escuridão concentra o rancor dele, tornando-o mais sólido e me deixando mais irrelevante, irreal.

Saio do meu devaneio quando ele se inclina para a frente para abaixar o rádio, um evidente prelúdio à conversa.

– E o Nate? – pergunta ele.

– O que tem ele?

– Ele parou de postar as fotos?

– Sim. Elas aparecem às vezes, mas isso vai acontecer. Não acho que seja mais ele.

Nate passou a maior parte do último ano postando e repostando on-line fotos íntimas nossas enquanto eu perdia dezenas de horas entrando em contato com proprietários de sites para fazer com que fossem removidas. Foi a brincadeira de pega-pega mais chata do mundo.

Ele finalmente parou com isso, depois que levei o problema ao gabinete do reitor. Quando a universidade começou a investigar, eu esperava que

ele acabasse sendo expulso por violar a política de tecnologia do campus, mas isso não aconteceu. Ele foi dissimulado demais e é um mentiroso convincente. De que outra forma teria me convencido de que era uma pessoa bacana durante todo o tempo em que saímos juntos?

A universidade o liberou com uma suspensão dos privilégios de internet – um puxão de orelha –, mas a investigação disciplinar deve tê-lo abatido, porque ele parou de postar as fotos.

– Já sabe a data do julgamento? – pergunta West.

– Não, ainda não terminamos a elaboração da queixa.

– E a história do anonimato?

Ingressar com a ação anonimamente em vez de como Caroline Piasecki significa que o meu nome não aparecerá ligado ao caso e os registros públicos do processo não me identificarão.

Isso significa, por sua vez, que existe uma chance de todo o meu futuro econômico e político não ser manchado pelo que Nate fez.

– Meu pai conhece alguém que conhece o juiz que vai tratar do caso. Não será um problema.

– Então quando marcarão a data do julgamento?

– Depois de registrarmos a queixa, o que deve ocorrer a qualquer momento – respondo. – Deve levar pelo menos doze meses até o julgamento.

– Vai ser legal ver aquele escroto se ferrar pelo que fez.

– Acho que sim.

– Você acha que sim?

– Vai custar uma fortuna.

– Quanto?

– Talvez 100 mil dólares, segundo o advogado. Pode ser mais.

West assovia.

– E ele diz que pode ficar feio, como um caso de estupro. Eles vão atacar a minha credibilidade. Então estou tentando me preparar para tudo isso.

– Não deve ser fácil se preparar pra uma coisa assim. Advogados cretinos pegando no seu pé pela sua vida sexual.

– Não se esqueça da minha estabilidade mental.

– A sua estabilidade mental é ótima.

– Quis dizer que eles vão pegar no meu pé pela minha estabilidade mental.

Os cantos da boca dele estão meio que se levantando em um sorriso.

– Que ótimo. Mande ligarem para mim, vou contar a maluca que você era na padaria no ano passado.

– Isso seria ótimo, obrigada.

– O prazer é meu.

Aperto as mãos nas coxas para não levá-las até a dor no meu peito. É fácil demais conversar com ele. Relembrar.

Se fechar os olhos e fingir, consigo me esquecer de todas as coisas ruins que existem entre nós e me deixar envolver pelas lembranças daquelas noites na padaria, quando estava me apaixonando por West.

Talvez ele sinta a mesma coisa, porque se inclina para a frente para aumentar a música. Olho para o verde das árvores e os galhos borrados. O assunto do julgamento esfria e eu me permito fechar os olhos e pensar em por que estou ali. O que eu quero. Meu objetivo.

West.

Depois de um tempo, no entanto, restam apenas o cansaço e a escuridão.

O ar frio me desperta. Estamos estacionados na rua de um bairro de casas quase idênticas – todas pequenas, amontoadas em terrenos minúsculos. West está do lado de fora do carro. O rosto dele está triste, sombrio.

– A Frankie está aqui? – pergunto.

– Sim. É a casa da minha avó.

Ele está segurando a parte de cima da porta do carro, inclinando-se na direção da janela, me examinando através do vidro. É como se usasse a porta como escudo para poder olhar para mim, olhar para mim de verdade, como ainda não havia feito.

Ele passa o seu olhar pelo meu corpo, pairando um pouco sobre as partes que costumavam ser as suas preferidas. É como nos meus sonhos. A minha mente está confusa e lenta demais para eu me defender do calor do olhar de West. Eu só quero agarrá-lo e tê-lo sobre mim, dentro de mim, as mãos quentes, a boca molhada... e todas as coisas de que venho sentindo falta.

Algumas horas na caminhonete e os meus pensamentos puros de amizade e lealdade não passam de uma camada desagradável sobre semanas de saudade e desejo.

– Você vai ficar aqui esta noite.

- O quê, para dormir?
- Sim.
- Onde você vai dormir?
- Na casa do Bo.
- Qual é a distância?
- Trinta quilômetros.
- Quero ficar onde você estiver.

Ele puxa o assento dele para a frente, enfiando-se no espaço atrás para pegar a minha mala. Quando começa a levá-la até a calçada, entendo que essa decisão dele não é negociável. Corro atrás dele.

- Quem está aí?
- Pelos carros, acho que minha avó, minha mãe, Frankie e umas duas tias minhas.

Eu não sabia que ele tinha tias ou uma avó.

- Alguma coisa que eu deva saber sobre elas?
- Tirando a minha mãe e a Frankie, eu não as vejo há seis anos.
- Sério?

Ele franze a testa.

- Você acha que eu estou brincando?

Não acho. Sinto dor no estômago.

- Desculpe. Como eu... Quem eu devo dizer que sou?
- Diga a elas o que quiser.

Ele toca a campainha. *Isso vai ser esquisito.* Tenho tempo apenas para respirar fundo antes de a porta ser aberta e dar diretamente na cozinha.

A primeira coisa que percebo é que há uma mulher soluçando à mesa.

Duas outras mulheres e três crianças estão amontoadas no ambiente com ela, mas não presto muita atenção a elas, porque a segunda coisa que percebo é que a mulher que abriu a porta tem os olhos iguais aos de West.

É estranho ver os olhos de West no rosto enrugado de uma mulher.

Além dos olhos, não há muita semelhança. Ela precisa levantar muito a cabeça para falar com ele, porque é baixinha. Ela é redonda em todas as direções – peitos, quadris, bumbum –, com cabelos grisalhos. Dá uma tragada em um cigarro na mão esquerda e percebo, quando ela o leva até os lábios, que seus dedos parecem seguir em uma nova direção a cada junta inchada.

- As surpresas não vão parar nunca? – pergunta ela.

Longe de uma saudação de boas-vindas. Eu meio que espero que ela exale a fumaça no rosto de West e bata a porta, mas, em vez disso, vira a cabeça para o lado e diz:

– Michelle, adivinha quem chegou.

Michelle é a mãe de West. Ela levanta o rosto. Está com os olhos inchados.

– Quem é essa?

Ela fala com uma voz rouca e assustadora. Tenho vontade de cobrir o rosto com as mãos.

– Esta é Caroline – responde West.

Ela pisca. Esfrega os olhos. Pisca de novo.

– Que Caroline?

Atrás de uma porta fechada entre a cozinha e o outro ambiente, ouvimos o som de uma descarga. West pergunta à avó:

– O que ela tomou?

– Ela está assim o dia todo.

– Merda! – Ele inspira profundamente. – Podemos entrar?

– Apresente a gente – diz a avó dele.

– Caroline, esta é a minha avó Joan. Vovó, Caroline. – Ele aponta para o outro lado da cozinha. – Tia Stephanie, tia Heather e os meus primos Tyler, Taylor e... eu não conheço aquela ali.

– Hailey – diz a mulher chamada Heather.

– Muito prazer, Hailey. Sou West.

Aperto a mão da avó de West e digo um “oi” baixinho.

– Eu a trouxe aqui para tomar conta da Frankie.

– Eu estou tomando conta da Frankie – Joan informa.

– Você tem outras coisas com que se preocupar.

– Eu posso tomar conta de uma criança.

A porta do banheiro se abre e eu reconheço a irmã de West no mesmo instante em que o rosto dela se ilumina ao vê-lo.

– West!

Sou tomada por alívio – mais do que estava preparada para sentir.

Eu nunca havia visto Frankie pessoalmente, mas quando West e eu estávamos juntos, nós duas começamos a trocar mensagens de texto. Ele não deve saber, mas nunca paramos de nos falar.

Não que sejamos confidentes ou algo parecido. Frankie tem apenas 10 anos. Ela me manda fotos de meninos bonitinhos e piadas ruins. Eu man-

do a ela links de histórias de que acho que ela vai gostar, ou simplesmente pergunto como ela está.

“Como está a escola?” ou “Como está a vida?”

Nunca perguntei: “Como está West?”

Acho que imaginei que isso seria ultrapassar o limite, mas, ali parada, acho absolutamente hilário que eu tenha pensado que houvesse limites. Quero dizer, estou em Silt, no Oregon. Eu evidentemente não tenho limites.

West passa os braços ao redor de Frankie e afunda o rosto nos cabelos dela, de olhos fechados, e eu não consigo desviar o olhar.

Ele quer que eu fique ali, então vou ficar ali.

Ele quer que eu cuide da irmã dele, então vou cuidar da irmã dele.

Não há nada que eu não faria por West Leavitt.

Frankie e eu dormimos no sótão naquela noite. É um ambiente grande, de pé-direito baixo, repleto de caixas e sacos de lixo lotados, com uma cadeira quebrada, a tábua de passar roupa e o balde com esfregão. Quadrados de tecido forram o chão – pelúcia marrom escura e estampa turca ao lado de outra cor-de-rosa.

Minha aposta é que se trata de amostras de uma loja de carpetes. O sótão faz meu nariz escorrer. A coriza começou assim que eu me deitei e meus olhos passaram a lacrimejar. Eu não paro de espirrar.

Com certeza não vou conseguir dormir. Frankie está ao meu lado, cada uma em um saco de dormir sobre um catre feito de cobertores e embalagens de ovos. Toda vez que tenho certeza de que ela finalmente caiu no sono, ela se mexe.

Antes de ir embora, West levou a irmã até a varanda e conversou com ela por um tempo. Então foi até a sala de estar com a mãe e falou com ela em voz baixa enquanto a avó jogava uma manta sobre os ombros de Michelle.

Fiquei na cozinha conversando com Frankie enquanto as tias de West conversavam entre si e os primos discutiam em voz alta sobre quem dormiria em qual cama quando voltassem para a casa de Stephanie naquela noite.

Depois que Michelle caiu no sono, Joan fechou uma pequena porta entre a sala de estar e a cozinha, e o grupo de tias e primos foi embora. Frankie ficou feliz demais com a oportunidade de me fazer mais uma dúzia de per-

guntas. Como havia sido a minha viagem? Quantos aviões? Grandes ou pequenos? Onde eu havia comprado a minha blusa? E os sapatos? Por quanto tempo ficaria lá e por que ninguém tinha contado para ela que eu estava a caminho?

Fiz o máximo para responder, mas estava tensa, esperando que West voltasse. Quando ele finalmente reapareceu, foi direto para Frankie.

– Quando você vai voltar?

– Amanhã, depois do trabalho. A Caroline vai ficar de olho em você.

– Alguma orientação? – perguntei.

– Fique com ela. Se alguma coisa estranha acontecer, me ligue.

Defina “coisa estranha”.

Pensei em pedir a ele que me explicasse, mas ele parecia tão cansado que decidi deixar para lá. Pobre West. As coisas já estavam estranhas.

Espirrei alto, desejando que tivesse trazido lenços de papel. Malditas alergias. Poeira e ácaros, mofo e pelos. Nunca sei quando algum lugar vai me fazer ter uma crise. Tenho sempre um antialérgico na bolsa, mas tudo o que encontrei quando fui procurar foi uma embalagem de comprimido vazia, meio amassada.

O melhor é descer a estreita escada de madeira que me levou até ali e tentar encontrar Joan. Talvez ela tenha alguma coisa que eu possa tomar. Espero que ainda não tenha dormido.

Quando me viro de lado, me preparando para me mexer, Frankie diz:

– Caroline?

Congelo. Na minha frente, há uma pequena janela quadrada e a lua do lado de fora, quase cheia. Atrás de mim, há uma menininha cujo pai está morto.

West me queria ali, com ela. Mas o que ele queria que eu dissesse?

– Sim?

– Você acha que ele vai embora de novo?

– Quem, o West?

– É.

Eu me viro para ela e me apoio em um cotovelo. O saco de dormir dela está suficientemente perto de mim para que eu consiga vê-lo subir e descer com sua respiração.

O dela é do Meu Querido Pônei. O meu é do Homem-Aranha.

Os olhos dela estão imensos à luz fraca. Ela tem os olhos castanhos e

o queixo marcado da mãe, mas o resto dela é West: as mesmas maçãs do rosto, sobrancelhas arqueadas, boca larga e o cabelo escuro e espesso. Ela é linda e muito novinha, os dentes da frente um pouco grandes demais para o rosto.

– Não sei – respondo sinceramente.

– Mas o que você acha?

– Eu acho... que ele vai fazer o que achar que é melhor.

Ela fica quieta.

– Ele pediu para você vir?

– Não.

– Então por que você veio?

– Eu achei... que poderia ajudar.

Ela se apoia no cotovelo, espelhando a minha posição.

– O que você pode fazer?

– Não muita coisa – admito. – Fazer companhia a você, se você quiser.

– Posso confessar uma coisa?

Não. Não me conte nada. Eu não sei o que estou fazendo. Mas isso é apenas covardia. Eu aprendi a ignorá-la.

– Claro.

– A mamãe contou que eu não estava lá, mas eu estava. Eu vi o que aconteceu.

Os olhos dela brilham, úmidos.

– Eu vi.

– Você quer... falar sobre isso?

Ela balança a cabeça. As lágrimas começam a correr. Solto os braços do saco de dormir e os passo ao redor dela, puxando-a para perto e acariciando seus ombros magrinhos.

– Shh, shh, shh, vai ficar tudo bem.

Mas eu não faço ideia se vai ficar.

Depois de um tempo, a respiração dela se acalma e fica mais lenta. Percebo quando ela cai no sono.

Eu vinha segurando um espirro fazia um tempo, inspirando profundamente e apertando os olhos fechados. Assim que consigo, eu me afasto dela e desço a escada.

A avó de West está sentada à mesa com uma caneca à sua frente, tricotando. Uma TV pendurada na parede exibe um noticiário sem som. Um

rádio toca músicas antigas, enquanto um aparelho que eu suponho ser um rádio de polícia fica emitindo um barulho com chiados.

A palavra “San Francisco” está escrita em rosa-claro na frente da camisa comprida dela. Ela tem os braços pálidos, a pele frouxa e cheia de veias estouradas.

– Ela dormiu?

– Dormiu.

– Menina durona.

Acho que é mesmo. Precisa ser.

– Quer um pouco de café? – pergunta Joan.

– É descafeinado ou...?

– Eu não tomo descafeinado.

– Não, tudo bem. Eu só vou ao banheiro rapidinho.

O assento do vaso sanitário está gelado. Há um buraco no gesso um pouco acima da banheira, posicionado de tal modo que eu imagino que alguém o está criando com a parte de trás do crânio. Batendo até amassar a placa de reboco, com mais força até chegar ao gesso.

Espirro três vezes no banheiro.

– Está resfriada? – pergunta ela quando saio.

– Alergia.

– Precisa de algo para isso?

– Qualquer tipo de antialérgico seria ótimo.

Ela se levanta com cuidado, os movimentos de uma mulher que não se sente mais confortável no próprio corpo. Um minuto depois, está de volta com um pote de remédio genérico para alergia e um copo d’água.

– Obrigada.

Tomo os comprimidos e espirro de novo. Ela serve mais café para si e senta.

– Você e West são próximos?

Minha cabeça está doendo. Está tarde demais para eu me sentir esperta, escuro demais lá fora para bobagens.

– Fomos.

– Ele confiou Frankie a você.

– Ele não me quer aqui.

Ela me lança um olhar compassivo.

– Ele *finje* que não quer você aqui.

Ficamos em silêncio. A cozinha se enche com o chiado do rádio de polícia e o tom meloso de alguma cantora antiga no rádio.

– Ele contou a você há quanto tempo não nos víamos? – pergunta Joan.

– Ele disse seis anos, mas não disse por quê.

– O pai dele... meu filho. A última vez que ele ficou com Michelle, as coisas terminaram mal e West estava no meio. West veio até aqui e me obrigou a escolher um lado. Todo mundo precisava escolher. Ninguém mais seria neutro.

Ela puxa o açucareiro para mais perto e põe mais algumas colheres na caneca.

– Você escolheu o seu filho.

– Achei que West fosse voltar atrás.

Sorri.

– West não volta atrás.

– Durante seis anos, não voltou.

Queria ter aceitado o café. Dormir ali seria impossível e eu estava com inveja da caneca fumegante dela.

– Meu filho não prestava. – Ela dirige a observação à xícara de café, a qual gira lentamente. – Não sei por quê. Não acho que tenha sido algo que eu tenha feito. Os outros três saíram direito. Mas Wyatt sempre foi muito cheio de si. Um valentão.

Ela toma um longo gole de café e franze a testa.

– Agora ficou doce demais.

Sinto como se devesse dizer algo.

– Eu sinto muito.

– Michelle não é melhor do que ele. Você a viu. Ela vai ficar se lamuriando durante semanas, meses talvez, e jamais pensará uma vez sequer no que isso fará com a filha ou o filho.

É assustador quando Joan finalmente olha para mim. Os olhos de West. O rosto de uma estranha. Uma força familiar com que sei que posso contar.

– Você veio para levá-lo com você?

– Não sei.

Ela toma o resto do café e se levanta para deixar a caneca na pia. Olha para a lua pela janela.

– Tire ele daqui – diz ela baixinho. – Ele não vai ter outra chance.

* * *

Passo a manhã seguinte lavando louça e descascando ervilhas com Frankie na mesa da cozinha de Joan. Depois disso, ela tenta nos ensinar a tricotar. Frankie aprende mais rápido do que eu. Fico enganchando a linha na agulha, fazendo buracos na linha.

Joan diz que eu sou boa fazendo buracos.

Para o almoço, ela aquece sopa de tomate em lata e prepara sanduíches de manteiga e queijo branco. Há um movimento constante de gente entrando e saindo da cozinha dela – amigos, vizinhos, parentes, uma mulher com quatro filhos que, pela conversa, compreendi se tratar de uma colega do grupo de Alcoólicos Anônimos de Joan.

Eu não sou apresentada à mulher. Ela chega e vai embora. Joan sai para fumar um cigarro e volta, liga a torneira da pia, fala ao telefone, aumenta o volume do rádio. Se não está com as mãos ocupadas com outra coisa, tricota. Tem uma sacola vermelha presa ao cós da calça onde guarda as agulhas. Ela tricota sem olhar, quadrados de 30 centímetros em marrom e azul, verde e vermelho.

Sua sala está coberta por tricôs: duas mantas sobre o sofá, uma sobre a poltrona, uma cesta transbordando de linhas no canto. Há uma pilha de livros sobre pontos de tricô embaixo da mesa de centro.

Sento-me perto de Frankie e faço um pequeno afago na cabeça dela. Ela parece precisar um pouco disso. É uma mistura espantosa de menina e mulher. Maquiagem cuidadosa nos olhos e postura encurvada. Eu entendo por que West a ama. Frankie é tudo o que há de bom nele. Barulhenta e divertida, cabeça quente e rápida em perdoar.

“Seus cabelos são tão lindos”, ela me diz.

“Como faz sua maquiagem?”

“Você me ensina a arrumar a echarpe desse jeito?”

Ela não diz mais nada sobre o que testemunhou. Não chora.

Eu me pergunto se deveria contar a alguém. A mãe dela sabe a verdade, qualquer que seja. Não consigo me imaginar traindo a confiança de Frankie, entregando a outra pessoa o que ela me contou.

A única pessoa a quem consigo me imaginar contando é West, mas ele não está ali. À tarde, ficamos sabendo que Bo foi levado para ser interrogado mais uma vez. A mãe de West cai no choro. Ela chora por Wyatt estar morto e por Bo estar na cadeia. Frankie olha fixamente para a TV, os olhos arregalados e cheios de lágrimas. Passo os braços ao redor dela enquanto

vemos novelas. West não manda nenhuma mensagem. Não liga. E não aparece, embora tenha dito que apareceria.

Naquela noite, leio a versão on-line do jornal local depois que Frankie cai no sono, tentando preencher as lacunas. Tiros foram ouvidos no parque de trailers. Um ferimento à bala no peito. Morto ao chegar.

Os vizinhos alegam que foi uma discussão que saiu do controle. O jornal diz que havia apenas duas testemunhas: Michelle e Bo. Bo foi interrogado, liberado e interrogado novamente.

Eu quero construir uma narrativa a partir desses fatos simples e objetivos. Quero uma história que eu mesma consiga contar, mas tudo o que vejo é o rosto marcado por lágrimas de Michelle. Frankie enrolada no sofá, com a cabeça no meu colo enquanto assiste a TV. Pessoas entrando e saindo pela porta da cozinha, conversando com Joan, deixando comida e ajudando de alguma maneira.

Mando uma mensagem de texto para West: O que você está fazendo? Quando vem aqui? Devo alugar um carro?

Ele me ignora.

Mesmo quando estávamos namorando, West nunca quis que eu soubesse nada sobre Silt. No entanto, aqui estou eu, e antes que ele me obrigue a sair de sua vida, vou descobrir o máximo possível sobre este lugar e essas pessoas.

Meu segundo dia em Silt é praticamente igual ao primeiro, só que eu ouço com mais atenção, fico mais alerta e mando quatrocentas mensagens para West.

Como estão as coisas?

O que está rolando?

Precisa de alguma coisa?

Como ele não responde, tento declarações aleatórias.

Vendo novela c/ Frankie.

Tomando creme de ervilha.

“Creme de ervilha parece ranho, mas é gostoso.” Comente.

Então desisto e simplesmente começo a digitar qualquer coisa que me venha à mente.

Quando você sai do trabalho?

Vou ver você esta noite?
Acho que vou sair para tomar uma cerveja.
Jogar sinuca de saia curta.
Conferir a noite local.
Você gosta mais de chocolate com passas ou amendoim?
Balas de leite ou de hortelã?
Mar ou serra?
Quero ver você.
Venha para o jantar.

Para minha surpresa, ele vai. As tias e a avó dele se reúnem ao redor da mesa da cozinha com sua mãe. Primos com pratos de papel, salada de frutas com creme batido e marshmallows, frango cozido durante todo o dia em panela de barro.

Quando ele leva o prato até o sofá, vou atrás. Sento ao lado dele e pergunto:

- Como foi o seu dia?
- Recebi um monte de mensagem de texto.
- Alguma interessante?

Ele fica olhando para a TV com o prato equilibrado no colo e morde um pedaço de pão cheio de manteiga.

- Não.

Mas ele me olha de lado e o entortar malicioso da boca dele me faz corar. Eu já vi aquele sorriso na cama, jantando, no carro dele, na padaria, em todas as partes da nossa vida juntos.

Sentia falta daquele sorriso.

- Você não pode me ignorar - digo.

Ele apenas mastiga e engole, olhando fixamente para a frente. Eu me inclino para mais perto e sussurro de modo que apenas ele consiga me escutar.

- Eu não vou embora enquanto não souber que você está bem.

Ele fica completamente paralisado. Ele nem respira e eu prendo a respiração em solidariedade, tão absorvida por ele que nem sequer me dou conta disso até ele se virar para mim. O rosto dele está a poucos centímetros de distância.

A coxa dele está ao lado da minha. Os olhos dele, o nariz, a boca, o rosto.

Meu Deus.

Não pode haver outra mulher. Se houvesse, eu não me sentiria assim. Eu não poderia me sentir assim. Tão viva. Tão real.

Ele se sente assim também?

– Então você vai embora se eu disser que estou bem?

– Eu preciso acreditar.

Minha camisa branca está refletida nos olhos dele, um clarão em contraste com as pupilas escuras. Sei que ele está sentindo alguma coisa. Sei que há coisas que ele quer me dizer. Então por que não diz?

Depois que foi embora de Putnam, West bloqueou qualquer conversa que incluísse as palavras “mudança” ou “transferência”, qualquer conversa sobre nos vermos novamente. Tudo é preto ou branco para ele. A mãe dele voltou para o pai, então ele teve que voltar por Frankie.

Tudo o que consegui com ela foi uma tarde por semana no McDonald’s perto da escola. Uma hora para West examinar a irmã e a mãe atrás de hematomas, interpretar as respostas delas, esperar pelo dia em que descobriria que alguma coisa estava errada.

No resto do tempo, ele trabalhava. E dormia. Ia a bares com Bo e, de vez em quando, ficava bêbado o bastante para me ligar. Nós havíamos terminado. Eu não devia continuar tentando ser amiga dele. Eu não devia mandar mensagens de texto.

Não devíamos ficar conversando pelo telefone às duas da manhã, só que ficávamos. Porque ele me ligava. E depois que começávamos a conversar, nos pegávamos fazendo piada, divagando até um de nós dizer alguma coisa errada. Deslizávamos juntos no escuro, as mãos onde não deveriam estar.

“Sinto a sua falta.”

“Quero você.”

“Preciso de você.”

“Ainda amo você.”

“Gata, eu não posso. Não posso.”

Ele me dizia que eu merecia coisa melhor, mas nunca conseguia convencer a mim mesma de que havia qualquer outra pessoa além de West. Vejo o rosto dele corar. Ele engole em seco. Sinto o calor vindo dele, o desejo.

Ele pode mentir para mim por mensagens. Pode mentir pelo telefone. Mas não pode sentar ali e mentir para mim com o corpo.

– Eu preciso acreditar que você está bem. Diga que não sente a minha

falta. Que não me quer. Que não está pensando em mim o tempo todo, tanto quanto eu estou pensando em você.

Estendo a mão até a coxa dele e o agarro acima do joelho. Os músculos da perna dele se contraem sob meus dedos. West passa uma mão pela minha nuca.

E se inclina para perto de mim.

Acho que ele tem a intenção de dizer algo ríspido, para transmitir a dura verdade da nossa situação. Eu deveria me preparar para isso, só que não consigo. Aquela mão na minha nuca me amolece imediatamente, por tudo.

Era assim que ele me beijava. Exatamente assim. E quando ele me deixa assim tão próxima, olha para mim desse jeito, eu vejo dentro dele e sou capaz de catalogar todos os sentimentos que atravessam seu rosto.

O desejo. O tesão.

A necessidade que sente de mim, a vontade de me tocar, de ter algo de suave nessa vida dura dele. Posso ver agonia também. Angústia. Vejo a angústia vencer a suavidade, ganhar a frente e fechar sua expressão, de modo que tudo o que resta são os seus olhos furiosos.

– Fique com a Frankie. É tudo o que quero de você.

Ele se levanta e sai da sala, como se fosse algo normal a fazer. Levantar-se no meio de tudo, passar por cima do bebê engatinhando, atirar o prato na lata de lixo e ir embora.

Ir para onde quer que seja. Algum lugar aonde eu não possa segui-lo.

Penso em pegar um carro emprestado e perguntar onde fica a casa de Bo. Eu poderia bater à porta, encontrar West e encurralá-lo. Poderia colocar as mãos no peito dele e empurrá-lo.

Diga o que você está pensando. Admita o que eu significo para você. Fale comigo sobre o que você vai fazer agora que ele está morto. Prometa que está voltando para mim, me convença de que me ama, diga que sente muito.

O que me impede é quanto eu o desejo. Quero segui-lo da mesma maneira que Frankie me segue. Busco conforto nele. Só que, neste momento, ele está sofrendo muito mais do que eu. Essa casca que ele criou é a única defesa que tem.

Eu estou ali por ele. Não por mim mesma. “Fique com a Frankie”, ele disse.

É o que faço.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br